

"EDUCAÇÃO DO CARÁCTER, LIDERANÇA E CIDADANIA",

JOAQUIM AZEVEDO*

**COMUNICAÇÃO AO SEMINÁRIO PROMOVIDO PELO
INSTITUTO DE DEFESA NACIONAL SOBRE
LISBOA, A 7, 8 E 9 DE OUTUBRO DE 2003**

* Professor Associado da Universidade Católica Portuguesa. Director do Instituto de Educação da mesma Universidade.

Após a leitura dos contributos enviados pelas escolas, pelos educadores, pelos alunos e pelos pais, referentes a escolas dos ensinos básico e secundário, achei por bem elaborar umas breves notas críticas, tal como me tinha sido solicitado.

São dez breves notas, para as quais peço e agradeço a vossa atenção.

1.

Os tempos mudaram. Em trinta anos a sociedade portuguesa, por muitos e variados meios, colocou na escola todos os portugueses até aos 15 anos de idade. Quando se fala da educação e dos valores é habitual vermos os discursos resvalarem para o passado. É fácil falarmos do passado, "da escola do meu tempo"! Mas acontece que agora o tempo é outro. O que era para ser já não será, o que valia deixou de valer; aliás o que vale isto vale aquilo, faz-se crer que vale tudo mais ou menos o mesmo. Vale até o que nem imaginávamos que pudesse valer tanto: o dinheiro, o consumo, o espectáculo e a moda, a futilidade, a competição, o individualismo.

Mas é neste tempo que pensamos, agimos, comunicamos, educamos. Há sempre uma escala de valores em uso. Qual é esta, a deste tempo? Quem a detém? Como é que os professores a vão buscar? Como a transmitem? Como é que a escola se organiza para transmitir estes valores? Como é que a escola do Séc.XXI se institui para educar para os valores e em valores, sem recorrer simples e facilmente aos paradigmas dos Séc. XIX e XX, reduzida a professores que "dão" a sua disciplina e preparam os alunos para os exames?

Equaciono estas questões submerso na maior das preocupações. De facto, a escola de hoje é a instituição "faz de conta" por excelência, é uma instituição falsa, que actua rodeada da maior hipocrisia. Que valores transmite esta escola, que escala, que hierarquia de valores?

Nas leis, a instituição escolar mostra-se a mais bela e a mais capaz de promover a "educação integral do ser humano". Nos discursos, na

retórica política, tem uma escala de valores que apregoa e encanta. Mas não cuida de saber se tem organização, textura humana, competência profissional, ou participação dos pais para tal. Isso pouco importa! Se 25% dos jovens portugueses abandonam a escola no 10º ano, pouco importa; se uma elevada percentagem de alunos transita no 9º ano sem reunir os requisitos mínimos para tal, pela mão dos seus professores, isso pouco interessa; se os "rankings" fomentam a competição entre alunos e levam escolas públicas a "recusar" os "maus" alunos, para ficarem bem colocadas nos jornais, isso pouco nos preocupa. Se a formação de professores passa por cima da axiologia educacional e se a gestão das escolas passa por cima de importantes princípios éticos, isso não nos incomoda.

Muitos perguntam: "Que podemos nós fazer? É o sistema!"

2.

A educação não é neutra, as escolas não são neutras, os professores não são neutros, nem na escola privada, nem na escola estatal. Nem é neutra no que faz e no que diz, no que transmite e no modo como transmite, como não é neutra nas omissões, no que silencia, no que sabe e não revela. A escola e os professores não são neutros, desde o modo como olham, ao cuidado com que acolhem, desde o modo como organizam as turmas ao modo como distribuem o serviço docente, desde o modo como promovem cada aluno ao modo como aguardam silenciosamente que alguns deles desistam. A escola pública neutra é uma falácia. À sua conta, desvalorizámos, anos a fio, a educação dos valores e em valores, deixamos que o deserto educativo invadissem a educação escolar, que os professores se pudessem tornar funcionários mais ou menos desinteressados e as escolas instituições fabris de produção de pautas e de resultados quantitativos.

3.

Há valores que diariamente são veiculados nas nossas escolas. Desde os mais nobres aos mais contraproducentes. Quanto aos primeiros, poderemos referir o valor da socialização intercultural, do convívio e da

amizade inter-pares, do sentido de pertença a uma comunidade pela aquisição de uma herança cultural, a disciplina e o respeito pelo outro, o trabalho e a responsabilidade, o bem e a verdade, a participação cívica e a solidariedade. circunstâncias há em que as escolas fazem um esforço explícito na transmissão de valores organizando mesmo actividades específicas para atingir essa finalidade.

Quanto aos segundos, eles fazem geralmente parte não só do chamado "currículo oculto", como também de atitudes e de omissões quotidianas: é a educação para a passividade, para o espírito acrítico, para a dependência, para a desresponsabilização, para a "facilidade".

A missão dos "projectos anuais de melhoria de escola" deveria ser a de combater persistentemente as rotinas que inculcam nos alunos a passividade e a desresponsabilização como modos de ser e estar e ainda a missão de definir positiva e energicamente os valores em torno dos quais a escola vai ajudar a crescer as crianças e os jovens. Por isso mesmo, estes projectos anuais de melhoria de cada escola devem resultar da activa cooperação entre professores e pais.

4.

Os tempos que vivemos não são bons para a ética e para discursos sobre virtudes. Consola-nos o facto de nunca o terem sido, ao longo da história. Sempre houve "crises de valores", como se diz. Para muitos, viver envolvido em questões éticas é um inferno, como refere Obin. Muito melhor (?) e mais fácil é viver mergulhado no paraíso das questões técnicas. Por isso a educação é tão técnica, por isso o Ministério da Educação emite centenas de decretos, portarias, despachos e circulares. Eles são a prisão e a segurança técnica. Tanto securizam que nem dão tempo nem espaço para a emergência das questões e das crises de sentido axiológico!

Além disso, as referências técnicas mexem menos connosco como pessoas, não exigem auto-domínio, vontade e determinação interior. Elas

* Cartas a DIRECTORES DE ESCOLAS, Joaquim Azevedo, Ed. Asa, 2004.

são o firmamento de um mundo fácil, de uma educação pouco problemática, ou melhor, cheia de problemas, a requererem uma enorme multiplicidade de soluções técnicas, cada vez mais dirigidas pelo lema da eficácia.

Pobres soluções estas! Em educação, nenhuma opção técnica foge a escolhas éticas. Por mais que elas se escondam, não-de regressar sempre, a exigir tempo, ponderação, lentidão, energia, vontade e assunção de responsabilidades.

Quanto mais reforçamos a via da técnica, mais aprofundamos a "crise de valores" e mais nos afastamos da educação do "saber-ser", o núcleo de toda a educação.

5.

Ao enfatizarmos o contributo da educação escolar para a formação da personalidade, para a liderança e para a cidadania, não devemos correr o risco de procurar transformar as crianças e os jovens de acordo com um projecto ideológico (uma "coisa" mais ou menos cidadã, a moldar), mas teremos sempre, em educação, de encarar cada aluno como uma pessoa, um ser em desenvolvimento, em interacção com os demais, numa atmosfera susceptível de promover a maturação do educando no respeito pelos outros e por si próprio (Fonseca, 1996). As escolas devem ser casas de um personalismo vivo, efervescente, incandescente até, capaz de tornar este mundo mais humano.

Como dizia um dos "papers" que recebemos, "a alegria é o principal valor da escola!". Esta é uma afirmação politicamente incorrecta. No tempo das "escolas eficazes", aquilo de que fica bem falar quando se fala de escola é de ordem, rigor, esforço, disciplina, eficácia, resultados. Estamos, de facto, sem norte. Saltamos de moda em moda à procura de discursos legitimadores para a nossa desorientação, como adultos, como educadores, como técnicos e políticos da educação. Nunca como professor, fui capaz de separar o esforço, o trabalho, a dedicação, a pesquisa, a luta por ser alguém, a alegria de viver e de se sentir alguém, do brilho nos olhos que se revela livremente nas descobertas que se

fazem, na alma do poema que se alcança, na perspectiva teórica que se abarca e nos ilumina o caminho, ...Não separemos o que só faz sentido unido.

As escolas de hoje, a braços com uma diversidade cultural sem precedentes, sem autonomia nem liberdade, têm muitas dificuldades em ser estas casas de um personalismo vivo, efervescente, incandescente.

6.

Portugal continua a apresentar os mais baixos níveis de escolarização de população da União Europeia, elemento que contribui decisivamente para algumas das nossas maiores fragilidades sociais: fracos níveis de leitura, débil competitividade, fracos níveis de independência, individuais e institucionais, débil adesão à formação ao longo da vida, etc..

Em Portugal, as principais tentativas políticas para melhorar a educação dos portugueses têm sido concretizadas em "reformas ou ajustamentos curriculares", geralmente traduzidas em mudanças de disciplinas e de programas.

Como aqui ficou bem claro, este é um tiro fora do alvo. O que está doente são as instituições escolares, os seus valores, os seus princípios e as suas finalidades, a sua organização e os recursos, é a desorientação dos seus principais protagonistas.

Deixemos estar os programas e as disciplinas em paz!

Cuidemos do que é essencial: construir instituições, casas de educação, mais coerentes e responsáveis, mais atentas e acolhedoras, mais capazes de ensinar bem e de fazer aprender bem.

Felizmente, já muito se faz nas nossas escolas básicas de secundárias que foge à doença curricularista dominante. Mas é preciso que aquilo que de bem se faz se divulgue mais e que aquilo que de bem se faz, com bons frutos, nascido da autonomia das escolas e da inteligência dos professores, não seja desbaratado por uma administração educacional

burocrática, que há muito perdeu o sentido do que é, no quotidiano, educar e ser escola. Cada dia que passa conheço mais projectos de escolas que são maltratados, perdidos, ignorados, desprezados.

7.

As escolas não estão isoladas na tarefa de educar para e em valores.

Ao seu lado actuam famílias, *os media*, as igrejas e os grupos de pares, entre outros agentes.

Mas quando falamos de educação de e em valores não podemos ficar por aqui. "É precisa toda uma aldeia para educar uma criança", diz o conhecido provérbio. A educação de e em valores requer a intervenção de toda a comunidade local, desde a escola ao museu, desde a biblioteca ao jornal, desde o centro de saúde às empresas, desde as associações culturais às associações de pais, desde as igrejas aos centros de formação profissional.

Esta é uma perspectiva pouco assumida entre nós. Creio que as autarquias municipais poderiam desempenhar um papel agregador muito importante, embora as veja demasiado ocupadas com as estradas e com o futebol.

8.

Vivemos o tempo da escola da orientação, perante tanta incerteza e imprevisibilidade que povoam o presente e o futuro dos jovens. Uma orientação integrada no currículo escolar (um currículo espaçoso), que ajude os jovens a compreender o mundo de hoje, a fazer escolhas, a construir, com determinação, um projecto de vida, uma vida com sentido. Uma orientação que tem de contar com a acção da família, sempre ao lado dos professores e que desenvolva o sentido da responsabilidade social e cívica, o sentido da dimensão social do trabalho, o espírito crítico e criativo, a vontade e a autonomia, o sentido da participação no progresso do país.

Os pais, as famílias, são os principais protagonistas da educação dos seus filhos.

Mal faz a escola quando os e as quer substituir, quando tudo faz para que os pais não venham às escolas, quando não os acolhe nem lhes dá voz. A escola coopera com a família numa parcela da educação das crianças e dos jovens e um dos maiores dramas dos nossos dias consiste nesta confusão que se instalou à volta de uma escola onde a sociedade tende a depositar todos os ovos das suas melhores esperanças, ao mesmo tempo que esta escola continua a ser uma simples e frágil instituição de ensino, absolutamente organizada para o ensino, e que à força de ser rotulada de "faz tudo", acaba por tudo fazer com graves lacunas, atabalhoadamente, sob a maior crise de orientação de que há memória na sua breve história de duzentos anos.

9.

Como pode um professor ser um guia axiológico para os seus alunos, se ele próprio não possui ou não utiliza essa bússola?

Os professores devem ser formadores não apenas em técnicas. A educação não é uma técnica, antes de mais sustenta-se numa ética, num modo de ver o mundo e a vida, num modo de ser do ser humano. Os professores devem ser formados numa axiologia educacional e, como diz Manuel Patrício, isso é decisivo para:

- promover a reflexão teórica sobre os valores a cultivar na vida e na escola;
- aprender a transferir essa reflexão teórica para as situações concretas e práticas da escola e da sala de aula;
- preparar os professores para um processo contínuo de acção/reflexão/acção, em torno das situações didácticas concretas;
- aprender a gerir e a organizar a escola com vista a uma educação efectivamente indutora e promotora de valores.

Os professores ensinam também aquilo que são.

10.

Neste campo, como em todos os que se referem à educação escolar, a cooperação entre os professores e a comunidade local, sobretudo os pais, é decisiva em ordem a uma educação centrada na pessoa, em cada aluno, nos valores em que cada um se desenvolve.

"Aprender a ser", proclamava o relatório Faure, em 1972.

"Educação, um tesouro escondido", lembrou o Relatório Delors, em 1997.

Procuramos durante décadas o tesouro da educação fora da escola, na economia, nas credenciais, na imitação dos países europeus, nossos vizinhos, nas reformas educativas, nas orientações normativas!

Tanto procuramos o tesouro fora da escola, e sempre o tivemos dentro da escola!

O nosso tesouro são as crianças e os jovens, cada um e cada uma, as suas personalidades e o seu desabrochar, orientadas pelos princípios éticos, pelas virtudes decantadas pelos professores e pelos pais, de entre aquilo que de melhor contribuiu até hoje para a humanidade ser mais humana e as pessoas mais felizes.

É tempo de reorientar politicamente a educação, extrai-la das garras de uma administração estatal abafadora da liberdade e da autonomia, que não deixa que professores e pais usem a inteligência que têm e que acumulam, para educar os seus filhos e educandos.

É tempo de responsabilizar os professores e as escolas, em cooperação com os pais, pelo valor da educação que fomentam, pela escola de valores que os norteia e que aplicam.

É tempo de centrar a nossa atenção sobre cada escola e reorientar a acção da administração educacional para o incentivo permanente à melhoria do desempenho de cada escola.

É tempo de retirar a educação da servidão da economia e colocá-la sob orientação da pessoa humana e de uma rica axiologia educacional.

É tempo de deixar de recorrer à muleta da igualdade para esconder as nossas dificuldades em lidar com a diferença, com a pessoa de cada aluno, e ousar enfrentar a diferença tal qual é, com coragem, com a dignidade que todo o ser humano exige.

Nota Final:

Sei que não penso como a maioria das pessoas pensam a educação em Portugal, ou, como diz um dos "papers", sei que saio um pouco fora do rebanho. Estou motivado pelos diagnósticos bem feitos, mas cansado do tão pouco que se faz em conformidade. Como vêem e ouvem, sou o que se chama um optimista, porque, como dizia Churchill, em cada dificuldade procuro ver uma nova oportunidade. E quando não vejo, continuo a procurar.

Obrigado ao IDN e ao Prof. José Tribolet pela oportunidade que me deram de procurar um pouco mais, mesmo se ainda um pouco às escuras.